

O Envolvimento no Não-Envolvimento e o Desenvolvimento do Indivíduo e do Grupo

*“Ser ou não ser, eis a questão: será mais nobre
Em nosso espírito sofrer pedras e setas
Com que a Fortuna, enfurecida, nos alveja,
Ou insurgir-nos contra um mar de provações
E em luta pôr-lhes fim? Morrer, dormir: não mais.
Dizer que rematamos com um sono a angústia (...)
É que se cobre a tez normal da decisão
Com o tom pálido e enfermo da melancolia;”*

*A tragédia de Hamlet, príncipe da Dinamarca
William Shakespeare
Ato III, Cena I*

1. ENVOLVIMENTO no NÃO- ENVOLVIMENTO:

1.1. O medo da morte ou o medo pela vida?



*Magritte
Decalomania, 1966*

É na relação primária com o Outro que Freud encontra a experiência de Hiljlosigkeit, paradigma da situação originária de desamparo humano. Hiljlosigkeit quer dizer auxílio, ajuda, protecção e amparo, em articulação com carência, ausência e falta de, ou seja, uma experiência na qual o sujeito se encontra sem ajuda, sem recursos, sem protecção e sem amparo (Rocha, Z. 1999). É deste desamparo primordial que emerge a dependência do Outro. É a partir das primeiras experiências deste estado de dependência primordial, pela impotência psicomotora do bebe e pelo perigo de ser abandonado à própria sorte, que se define e se constrói a subjectividade do individuo (o ser / envolvido ou não-ser / não-envolvido). Se as vivencias iniciais de desamparo do bebe, experimentadas na relação com o objecto primário (geralmente a mãe) e com os outros (pai, irmãos, grupos) são bem sucedidas o desenvolvimento do

individuo é, geralmente, também bem sucedido. O individuo é criativo, vivo, sentindo-se envolvido nos seus projectos, nas suas relações, sendo capaz de lidar com as frustrações ao longo da vida. Entre o Ser o Não-ser o individuo com um espaço interior alargado de dúvida optativa (Azevedo e Silva, 1994) escolhe o Ser evitando “morrer” ou “dormir” - “sono da angústia” - com que “se cobre a tez normal da decisão com o tom pálido e enfermo da melancolia” (Shakespeare,)

No entanto, a impotência do lactante perante o objecto, o Outro, que falha no amparo / Holding (Winnicott, 1963) e na gratificação necessária das suas necessidades, paralisa o desenvolvimento lançando o individuo na lama do desamparo, da falta e do socorro. Assim sentida, a angústia do desamparo inicial perante o objecto não-empático e não-contentor, gera uma particular forma de ser humano, marcada pela dor e pelos limites do não-ser/ não-envolvimento, circunscrevendo os próprios limites da possibilidade do funcionamento psíquico saudável, enclausurando o individuo em si mesmo, como defesa de um estado de tensões maiores do que é possível para o seu aparelho psíquico lidar (Laplanche e Pontalis, 1986 cit. Symington, J. & Symington, N.).

*“Um dos principais factores subjacentes à
necessidade de integração implica estar vivo,
amando e sendo amado pelo objecto bom interno
e externo; o que quer dizer que há uma estreita
relação entre integração e relações de objecto.
Inversamente, suponho que o sentimento de caos,
de integração, de falta de emoções, resultante do
sentimento da cisão, seja estreitamente
relacionado com o medo da morte(....).*

M. Klein

Seminário 2
Introdução à Grupanálise e
à Psicoterapia Analítica de Grupo

FORMADOR: DR. JOÃO AZEVEDO E SILVA
FORMANDA: ANA RITA SOUSA LOBO

Paradoxalmente este excesso de frustração – porque reduz a gratificação necessária e estimulante – provoca uma maior dependência do indivíduo (Coimbra, 2003). O medo da separação alinha-se com o sentimento de desamparo. Uma criança privada da satisfação das suas necessidades desenvolve um quadro de carência, torna-se exigente e revoltada e muito mais dependente (Coimbra, 2003).

1.2. O narcisismo de morte – o indivíduo enclausurado

*“Para um pessoa existir com outra tem de primeiro existir consigo própria.”
Amaral Dias*

Em 1914 Freud no seu artigo “Sobre a Introdução do Conceito de Narcisismo” introduz um de seus conceitos mais importantes: o conceito de narcisismo. Freud traça uma nova distinção entre “libido do ego” e “libido objectal” e os conceitos de ‘ideal do ego’ e de agente crítico (que constitui a base do que veio a ser posteriormente descrito como superego). O narcisismo não só é um protector do psiquismo e um integrador da imagem corporal que possibilita o desenvolvimento de uma identidade, de um Eu – narcisismo de vida -, como também representa o modo de relação com a sexualidade. Freud acreditava que na esquizofrenia a libido era afastada do mundo externo e dirigida para o ego. Se o narcisismo não ultrapassasse o auto-erotismo e não integrasse uma figura positiva e diferenciada do outro, enclausurava o indivíduo em si mesmo. A sexualidade neste sentido seria a ponte de ligação entre o indivíduo e o outro, que permitiria o desenclausuramento.

Uma problemática narcísica no sujeito manifesta-se nas dificuldades na relação com o outro uma vez que no primeiro momento ou na fase da vida em que era preciso contar com um objecto cuidador que servisse de apoio a sobrevivência, que não só fornecesse o aparato físico (nutrição, asseio, aquecimento), mas também a experiência simbólica dos sentimentos de amor e protecção. A função materna que contem as identificações projectadas pela criança, acolhe os medos, as ansiedades e as angústias e as transforma em afecto promovendo a sensação de desintoxicação é o pilar do sujeito como ser que existe e é amado. Se o investimento libidinal no bebe não existe ou é precário então o processo de identificações

também é empobrecido uma vez que o que constitui o Eu é o que fica no individuo após o investimento do outro e posterior desinvestimento. Esta identificação com objectos da realidade será também constitutiva do próprio espaço mental e do funcionamento psíquico.

Winnicott, no seu texto Medo do Colapso (1963) menciona que se existe um vazio inicial, ou seja, uma falta primordial, que não podendo ser experienciado como tal desde o começo pela ausência do grau de maturidade que tornaria possível experimenta-lo, ele é, então, compulsivamente buscado pelo indivíduo como um estado de não-integração. Esta não integração serve como escudo para proteger o indivíduo do contacto com a sua realidade interna que sentida poderia significar a queda no vazio.

“Em alguns pacientes, o vazio precisa de ser experienciado, e esse vazio pertence ao passado, ao tempo que precedeu o grau de maturidade que tornaria possível ao vazio ser experienciado.”

Winnicott

A dor mental que poderia ser experimentada no contacto com este vazio é demasiadamente intensa e insuportável para a maturidade do aparelho psíquico, sendo essa experiência rejeitada a todo o custo, pelo perigo que ela representa. Qualquer sinal que denuncie aspectos que se assemelhem à experiência de vazio ou desamparo são suficientes para o indivíduo se escapar ou defender, muito embora se fosse possível ao indivíduo maturar e desenvolver o seu aparelho mental ao ponto de ser capaz de experimentar a sensação de perigo seria diminuído e a própria sobrevivência à experiência validaria à sua capacidade para lidar com o seu maior medo: o medo do vazio e do desamparo.

No entanto, pela debilidade e imaturidade do psiquismo em poder lidar com a experiência de vazio emocional cristaliza-se defensivamente e a insegurança e o medo instalam-se. Sentimentos de apatia, tédio, torpor, a incapacidade de percepção das próprias emoções, da mentalização e do próprio processamento simbólico matam a criatividade e a vivacidade do indivíduo, mantido pelo estado de não-integração (não-envolvimento). O desânimo e o vazio, por vezes um vazio de morte, assume a forma clínica de um estado de desistência, de uma abolição dos desejos, em que o único desejo passa a ser o de nada desejar. Podem surgir depressões severas, dependências químicas ou de jogos, ou outras,

Seminário 2
Introdução à Grupanálise e
à Psicoterapia Analítica de Grupo

FORMADOR: DR. JOÃO AZEVEDO E SILVA
FORMANDA: ANA RITA SOUSA LOBO

instalar-se a anorexia, a bulimia ou a psicossomática.

Um narcisismo perturbado poderá integrar diversas tendências: a de fazer convergir sobre si as satisfações, sem levar em conta as exigências da realidade, a busca de autonomia e auto-suficiência em relação aos outros, o intento activo de dominar e negar a alteridade, assim como o predomínio do fantasmático sobre a realidade. O problema de ter que assimilar algum aspecto da realidade, que é vivida como uma ameaça a sua identidade e valor, com riscos de ficar exposto e indefeso pela perda de domínio, pode levar o indivíduo ao isolamento, como protecção (não-envolvimento).

1.3. As defesas contra a dependência

“Aqui a ansiedade aparece como uma reacção à perda sentida do objecto e lembramo-nos de imediato do fato de que também a ansiedade de castração constitui o medo de sermos separados de um objecto altamente valioso, e de que a mais antiga ansiedade - a ‘ansiedade primeva’ do nascimento - ocorre por ocasião de uma separação da mãe”.

Freud

Uma das maiores dificuldades deste indivíduo, envolvido no seu não-envolvimento é lidar com o sentimento de que *‘é só e ao mesmo tempo dependente’* (Bion) e que precisa do outro para amar, compartilhar e crescer, uma vez que a diminuição das defesas narcísicas expõe o indivíduo ao profundo sentimento de solidão, tédio e desamparo que está na base do seu psiquismo, e a uma forte angústia relativa à entrega à relação com o Outro. O enclausuramento narcísico traduz-se na vivencia de um estado de ansiedade constante, especialmente na relação com os outros podendo promover a coisificação / objectalização de si ou do outro. Quanto mais próximo se estiver da etapa simbiótica, maior será a crença ilusória e onipotente de que possui uma independência absoluta, aniquilando os seus desejos de dependência, robotizando-se a si e /ou outro, como seres sem “alma”, quando, na verdade, se encontra subjacente um estado de absoluta dependência (Zimerman, 2004).

“Ela sabe perfeitamente as intenções que o homem que lhe fala tem a seu respeito. Também sabe que,

cedo ou tarde, terá de tomar uma decisão... (...) A jovem abandona a mão, mas não percebe que a abandonara (...) E entretentes, realizou-se o divórcio entre corpo e alma: a mão repousa inerte entre as mãos cálidas de seu companheiro, nem aceitante, nem resistente - uma coisa.”

Sartre

A dependência para um indivíduo de organização narcísica estimula a inveja, que serve para obliterar a percepção do valor do objecto e para rejeitar o reconhecimento da dependência. O indivíduo detém um núcleo cindido da personalidade, por um lado impregnado de inveja e capacidade destrutiva que impede o reconhecimento do valor do outro, o que implicaria amor, e por outro uma necessidade imperiosa de ser cuidado e suportado. No entanto o ataque ao objecto pela inveja e dificuldade me reconhecer o valor deste, mobilizado pelo horror à dependência e medo de uma eventual perda, que o deixaria no desamparo e vazio, levam o indivíduo ao não-envolvimento com os outros. No entanto o risco da dependência é permanente e quando esta é desenvolvida o indivíduo poderá fundir-se com o Outro, para controlá-lo de forma onipotente, por um lado para se apoderar dos aspectos invejados e senti-los como próprios e, por outro, através da identificação projectiva, livrar-se de tudo o que lhe causa desprazer, criando uma dependência extrema e patológica que permanentemente insiste em negar a existência e o valor do Outro, apesar da sua necessidade quase tóxica desse Outro. Numa situação de ruptura o indivíduo narcísico vulnerável pode responder à ferida narcísica com um retraimento vergonhoso (fuga) ou com fúria narcísica (luta).

“Um egoísmo forte constitui protecção contra o adoecer, mas num último recurso, devemos começar a amar a fim de não adoecermos, e estamos destinados a cair doentes se, em consequência da frustração, formos incapazes de amar”
Freud

1.4. O risco de psicose: o ataque aos vínculos ou os anti- vínculos (-L, -H e -K)

“(…)aquele que, oprimido pelo peso da vida, e embora a amando e afirmando-a lhe teme as dores (...) e não espera encontrar a libertação na

morte e salvar-se com o suicídio: o porto que lhe oferece o Orco, escuro e gelado, cuja calma o atrai, não é mais que uma vazia miragem."

Arthur Schopenhauer

As vivências ligadas às ansiedades psicóticas do narcisismo, em que o sentimento de desintegração predomina são a antítese da procura do amor, da satisfação de necessidades e da vontade de viver. Estas ansiedades levam o indivíduo à desistência da procura do objecto e fecham o espaço para o desejo, para a fantasia e para a realidade que só pode ser investida se possibilitar alguma forma de prazer e satisfação. A tendência é o não-envolvimento, desprender-se do outro, aniquilá-lo na sua vida psíquica, pois o Outro, na fantasia e na realidade tornou-se apenas fonte de frustrações e de ódio.

Emergem forças destrutivas /agressivas que se opõem à compreensão da experiência de vida. Estas forças quando expressas na relação são o negativo dos vínculos -(L, -H, -K). Se um destes vínculos negativos domina é parado ou invertido o processo de compreensão que ocorre na relação com a experiência, destruindo o significado que esta poderia gerar (Bion...). As ligações internas (Ex. pensamentos, emoções, memórias) e externas (Ex. cancelar actividades, faltar a eventos), que possam resultar em insight, pelo medo da mudança e da dor emocional são estilhaçadas, eliminadas da mente, as interpretações (por exemplo da análise) são atacadas ou desvalorizadas, interrompendo o curso da compreensão pelo ataque aos vínculos, ou ligações, que estariam a integrar elementos fragmentados. O ódio e a inveja na aprendizagem, da parte psicótica da personalidade, atacam os vínculos, despojando de qualquer significado qualquer unidade de sentido desvirtuando o crescimento emocional e a expansão do pensamento. O envolvimento vincutivo extensível à uma forma de se envolver na vida que permitiria a penetração no mais íntimo da sua singularidade é minado pela própria inveja e pela agressividade, desfazendo-o. O indivíduo enclausura-se narcisicamente dentro da sua auto-suficiência (não-ser), como se ele fosse o seu fundamento auto-fundante, desidentificando-se, perdendo aos poucos a capacidade de comunicar o Ser. Este envolvimento no não- envolvimento poder-se-á tornar cada vez mais profundo e a dor associada cada vez mais avassaladora, fechando o indivíduo numa psicose com características de

intransmissibilidade da dor e do desespero aniquiladoras. A solidão é tão dolorosa como a de um naufrago perdido na imensidão do mar, com a impossibilidade do sujeito encontrar sozinho uma saída para a situação em já que se encontra porque já não grita.

O CORVO

(de Edgar Allan Poe/ trad. Fernando Pessoa) (...)

*A alma súbito movida por frase tão bem cabida,
"Por certo", disse eu, "são estas vozes usuais,
Apredeu-as de algum dono, que a desgraça e o abandono
Seguiram até que o entono da alma se quebrou em ais,
E o bordão de desesprança de seu canto cheio de ais
Era este "Nunca mais".(...)*

*Fez-se então o ar mais denso, como cheio dum incenso
Que anjos dessem, cujos leves passos soam musicais.
"Maldito!", a mim disse, "deu-te Deus, por anjos concedeu-te
O esquecimento; valeu-te. Toma-o, esquece, com teus ais,
O nome da que não esqueces, e que faz esses teus ais!"
Disse o corvo, "Nunca mais".(...)*

*E o corvo, na noite infinda, está ainda, está ainda
No alvo busto de Atena que há por sobre os meus umbrais.
Seu olhar tem a medonha cor de um demônio que sonha,
E a luz lança-lhe a tristonha sombra no chão há mais e mais,*

Libertar-se-á... nunca mais!



*Magritte
La Thérapeute, 1941
Gouache
18 5/8 x 12 1/4 inches (47.6 x 31.3 cm)
Public collection*

2. O DESENVOLVIMENTO DO INDIVÍDUO E DO GRUPO

Então se a experiência inicial de desamparo estrutura a subjectividade humana como é possível uma estruturação sob uma forma aberta de liberdade interior, em contraposição ao enclausuramento narcísico?

"Em certos casos o ego considera a própria cura como um novo perigo"
Freud

Seminário 2
Introdução à Grupanálise e
à Psicoterapia Analítica de Grupo

FORMADOR: DR. JOÃO AZEVEDO E SILVA
FORMANDA: ANA RITA SOUSA LOBO

Escapar a servidão da condição humana de desamparo é possível quando um grito desesperado de ajuda é lançado na direcção do Outro abrindo portas à alteridade. Este grito, que pode ser lançado numa psicoterapia ou numa Grupanálise, é, no entanto, muitas vezes mascarado ou deformado, uma vez que as resistências e as defesas do indivíduo são muito fortes, diluindo e iludindo o grito de socorro. Se pensarmos que o déficit narcisista produz um ego ameaçado pela desintegração e por uma sensação de vazio interior podemos entender que um resistente núcleo que desesperadamente se opõe a aparecer, poderá paralisar, sabotar, ou entrar em conluio sedutor na relação com o Outro. Forças internas – resistências - do indivíduo, algumas conscientes e outras inconscientes e que serviram para este lidar no passado com a ansiedade são postas em marcha opondo-se ao crescimento e desenvolvimento mental pois defendem o status quo da doença e o indivíduo da experiência de dor mental.

Os mecanismos defensivos que constituem processos de protecção postos em jogo pelo Ego para sua própria segurança, representam, além de uma forma de adaptação, o conflito e a patologia, falsificando a percepção interna do indivíduo e fornecendo somente uma representação imperfeita e deformada de si (Bergeret, 2006).

“O viajante surpreendido pela noite pode cantar alto no escuro para negar seus próprios temores; mas, apesar de tudo isto, não enxergará mais que um palmo adiante do nariz”.

Freud

2.1. A relação de Objecto e Teoria dos Vínculos Positivos em Grupanálise

“A experiência emocional não pode ser concebida fora de uma relação.”

Bion

A experiência emocional vivida na relação de um ser humano com outro ser humano e os vínculos positivos que se estabelecem entre estes (L - Love – Amor, H - Hate / Ódio e K – Knowledge / Conhecimento, Bion) poderão promover a segurança emocional e confiança que contribuirá para a qualidade futura dos relacionamentos de vínculo e para o desenvolvimento do indivíduo, influenciando a sua relação com a própria vida. Através da comunicação surge uma forma especial

de relacionamento social - o relacionamento de vínculo afectivo ou ligação afectiva (attachment) que está presente desde o nascimento com o choro, o sorriso, os primeiros sons e mais tarde a linguagem, levando este instinto de vinculação também o indivíduo a procurar manter uma situação de proximidade espacial, "propensão para estar próximo de", (Bolwby).

“- Quem és tu? Perguntou o principezinho. Tu és bem bonita...”

- Sou uma raposa, disse a raposa.

- Vem brincar comigo, propôs o principezinho.

Estou tão triste...

- Eu não posso brincar contigo, disse a raposa. Não me cativaram ainda. (...)

- É uma coisa muito esquecida, disse a raposa.

Significa « criar laços...”

- Criar laços?”

Saint-Exupéry

O Pequeno Príncipe

Na situação grupanalítica facilitada pela matriz e o padrão grupanalítico (Cortesão, 1989), a comunicação replica estes fins de vinculação a um objecto seguro pelas ligações que se estabelecem, entre objectos internos (mundo interior do indivíduo) e externos (o mundo interior dos outros elementos do grupo e do grupanalista) e de manutenção da proximidade, proporcionada pelo padrão (horários, duração, permanência dos objectos). Por estados de regressão temporária o indivíduo experimenta uma sintonia muito subtil com o grupo e / ou grupanalista, sentindo-se compreendido por meio das identificações podendo experimentar o sentimento de uma unidade especial com o grupo e/ou com o grupanalista que poderá auxiliar a se integrar e a ultrapassar um estado de não-integração, de uma vivência de apenas um corpo com partes soltas.

“O processo de via a conhecer alguém envolve dor psíquica, frustração e solidão.”

O poder tolerar a dor psíquica é poder transformá-la e esta dor dá-se pelo vínculo, actividade crucial onde tem lugar a experiência de aprendizagem emocional.”

Bion

No entanto a falha primitiva destes pacientes leva à importante tarefa analítica de tentar retirá-los desse vazio, desse caos, da não-existência. O indivíduo poderá bloquear o processo privando-se da proximidade, como por exemplo amando

Seminário 2
Introdução à Grupanálise e
à Psicoterapia Analítica de Grupo

FORMADOR: DR. JOÃO AZEVEDO E SILVA
FORMANDA: ANA RITA SOUSA LOBO

alguém e não se envolvendo por ter medo da rejeição (vínculo -L), ou odiando alguém e não se envolvendo por medo da agressividade (-H), mantendo as actividades emocionais bloqueadas, ou seja, envolvido no seu não envolvimento com graves riscos para a sua saúde mental.

2.2. A dependência-madura

*"A gente só conhece bem as coisas que
cativou - disse a raposa.*

*- Os homens não têm mais tempo de conhecer
coisa alguma.*

*Compram tudo já pronto nas lojas. Mas como não
existem lojas de amigos,
os homens não têm mais amigos. Se tu queres um
amigo, cativa-me!(...)*

Saint-Exupéry

O Pequeno Príncipe

Em 1941, Fairbairn, no seu trabalho "Desenvolvimento das relações de objecto baseada na qualidade de dependência em relação ao objecto" (Fairbairn, 1952/1980 cit. por Celes, L., Alves, K. & Santos, A.) descreve o desenvolvimento do ego e da personalidade do indivíduo como estando em íntima conexão com a relação de objecto. Segundo este autor, são três as fases do desenvolvimento da relação de objecto, pelas quais o indivíduo passaria:

- 1ª) Dependência infantil
- 2ª) Ambivalente
- 3ª) Dependência madura

As principais características da dependência infantil prendem-se com atitudes de incorporação e identificação indiferenciada com o objecto. Essas características fazem com que a perda ou o afastamento do objecto sejam acompanhados pelo sentimento de aniquilação do ego (esquizoidia). Na etapa da ambivalência inicia-se a diferenciação do objecto mediado pelas frustrações impostas pelo mesmo. Quando o ego não consegue suportar a ambivalência do objecto, cliva-o em bom e mau: o aceite e o recusado, oscilando entre as identificações e as vivências emocionais boas e más, alternadamente, e dependentes da responsividade dos objectos.

Já a dependência madura, última fase do desenvolvimento das relações de objecto, é caracterizada pela possibilidade de relações menos dependentes do objecto e uma maior autonomia.

É nesta fase que o indivíduo se permite estabelecer uma relação de amor em que as frustrações são sustentáveis e vividas como parte de uma relação madura e completa, desenvolvida a partir do apego a um objecto que o indivíduo ama e que também se deixa amar. Só a permanência numa relação de dependência-madura viabiliza a construção de um self integrado, criativo e vivo.

2.3. Necessidade de valorização da subjectividade através da relação psicoterapêutica e analítica

*"É preciso que eu suporte duas ou três larvas se
quiser conhecer as borboletas. Dizem que são tão
belas."*

Saint-Exupéry

O Pequeno Príncipe

No caso do indivíduo não ter acesso, pelas suas dificuldades, a uma relação sanígena, a promoção na relação psicoterapêutica de um estado de regressão temporária em que este experimenta uma sintonia muito subtil com o grupo e / ou grupanalista, e se sente compreendido por meio da capacidade de identificação e de unidade, auxilia a ultrapassagem de um estado de não-integração, que era apenas um corpo com partes soltas. A elaboração de uma falha primitiva de desamparo e vazio é importante tarefa analítica de tentar retirar desse vazio, desse caos, da não-existência o indivíduo.

A permanência numa relação de dependência-madura, promovida pela psicoterapia analítica de grupo ou Grupanálise, poderá conduzir a uma bem sucedida passagem para a posição depressiva e ao desenvolvimento da capacidade de tolerar a dor mental, permitindo uma vivência de integração das partes clivadas do mundo interno do indivíduo e o crescimento e desenvolvimento das capacidades de pensar, simbolizar, abstrair, criar, substituindo o critério prazer-desprazer pelo de existência, dando liberdade para a decisão.

Para que um indivíduo possa vir a ser um ser integrado, desejante e pensante, envolvido na sua vida deverá ser ele que se apropria da sua história e que poderá ser interpelado e chamado a responder por ela pois é o autor da mesma. Clarice Lispector disse uma vez que "escrever é tantas vezes lembrar-se do que nunca existiu". Poder-se-ia dizer que numa Grupanálise a palavra é tantas vezes lembrar-se do indivíduo que nunca existiu pois é a "palavra pescando o que não é palavra"

Seminário 2
Introdução à Grupanálise e
à Psicoterapia Analítica de Grupo

FORMADOR: DR. JOÃO AZEVEDO E SILVA
FORMANDA: ANA RITA SOUSA LOBO

que nos permite a apropriação dos factos da própria história. Desta forma a comunicação é um pilar inalienável não só numa Grupanálise mas mesmo do próprio Ser do indivíduo por causa da sua própria irredutibilidade, da sua intimidade. A intimidade por não ser comum ao Outro mobiliza o indivíduo no sentido de comum-icar, para partilhar a experiência do seu Ser, revelando-o pela partilha.

O grupo analítico pode desta forma ser o lugar do Ser, a matriz do grupo o colo do Ser do indivíduo e o padrão os limites do Ser não como limite paralisante mas como reconhecimento de um inevitável estado de incompletude e aceitação de óbvias diferenças que separam as singularidades de cada indivíduo com quem convivem (Zimmerman, 2004). O grupo analítico pode também ser contentor da actividade criativa transbordante que se gera pelo desvelar do Ser.

3. CONCLUSÃO: O *desamparo e a dependência à luz da era pós-moderna*

Desde o primeiro instante de vida que indivíduo tem na vontade de alguma coisa, uma irrecusável **busca de Ser**. O Ser realiza-se na experiência vivida, pelo sentir e pelo pensar **mostrando-se a quem procura (envolvimento-ser)** Mas esta busca significa, na radicalidade, também o confronto com a solidão e o desamparo. O homem moderno “matou Deus” e o “Destino e o homem pós-moderno situa-se hoje na sociedade e abertamente na relação com o Outro, seu semelhante.

Paradoxalmente proliferam tentativas frustradas e alienadas, voltadas para o **poder Ter em vez do poder Ser**. Satura-se o espaço psíquico com a mesmidade. Emerge uma grande dificuldade pós-contemporânea em pensar / sentir e conciliar a ideia de liberdade, que radica na condição humana, com a sensação de orfandade/desamparo e uma diminuição da abertura ao Ser em favor do Não-Ser (não envolvimento).

Lipovetzky na sua obra “A era do Vazio” de 1985 faz uma análise da sociedade pós-moderna e das ideias subjacentes ao seu funcionamento e reconhece-a como sociedade de consumo, da imagem, do espectáculo, do vazio narcisista, pela apatia e pela sedução generalizada. Refere que o tempo social e individual vive do imediatismo como valor em si próprio e imperam as relações de sedução com um abuso do jogo de aparências sem

densidade e profundidade. Esta era pós-moderna, induz uma perpetuação do vazio e da deterioração mental, em que o psiquismo é substituído pelo cérebro e a existência é consumida. O corpo é algo que se possui e não uma expressão do Ser. Os problemas humanos são formulados de modo a que se possam resolver imediatamente abolindo o árduo caminho do pensamento e do desenvolvimento emocional.

Mas se a cultura pós moderna desvaloriza a reflexão e estimula o gozo imediato pelo consumismo e a valorização da aparência como encarar este desafio pós-moderno, tão anti-mente, que combate e tenta aniquilar o subjectivo, e que torna servos os indivíduos perante um invasivo real?

Talvez...

desenvolvendo a capacidade de transformação, no nosso trabalho analítico em grupo, que podemos ler neste belo extracto da vivência de Amparo:

Amparo nos chegou em uma dessas tantas excursões que Theodoro fazia pelas ruas da cidade. Empoleirado na carroça, o menino ia e vinha e trazia qualquer coisa que pudesse.(...) Théo disse-me que era muda, mas que ouvia tudo perfeitamente. Amparo, a muda, era tão quieta que eu chegava a esquecer-me de sua existência. Assim, Amparo cresceu, sem voz e sem sobrenome, confundindo-se com a sombra de meu filho, silenciosa. Mais tarde, Theodoro já lhe contava os futuros que antevia; ensinou-lhe a ver a alma dos vivos. Ela bebia-lhe os risos cálidos e os poemas sussurrados e assim, lentamente, em seu mundo de silêncios, começava a brotar um novo universo (acrescento – repleto de palavras e significados), porque o sentimento que lhe nascia fazia crescer sua alma... Nunca mais, para ela, haveria a solidão”

Letícia Wierzchowski
A prata do Tempo
cit por
Brum, E.

Bibliografia:

Azevedo e Silva, J. (1994). Comunicação Metadramática e Interpretação Grupanalítica. Grupanálise, Nº5

Seminário 2
Introdução à Grupanálise e
à Psicoterapia Analítica de Grupo

FORMADOR: DR. JOÃO AZEVEDO E SILVA
FORMANDA: ANA RITA SOUSA LOBO

Brum, E. (2004). Patologias do Vazio: um Desafio à Prática Clínica Contemporânea PSICOLOGIA CIÊNCIA E PROFISSÃO, 24 (2), 48-5
<http://www.cirac.o>

Celes, L., Alves, K. & Santos, A. (2008) UMA CONCEPÇÃO PSICANALÍTICA DE PERSONALIDADE: TEORIA DAS RELAÇÕES OBJETAIS DE FAIRBAIRN *Psicologia em Estudo, Maringá, v. 13, n. 1, p. 53-61.*

Coimbra, A. (2003) Mais Amor, Menos Doença. Climepsi. Lisboa.

Cortesão, E.L. (1989), Grupanálise – Teoria e técnica. Fundação Calouste Gulbenkian.

Freud, S. (1925) Inibições, Sintomas e Ansiedade.
<http://soebooks.blogspot.com/2007/03/sigmund-freud-obras-completas-23.html>

Dias, Carlos Amaral (2000). Freud para além de Freud. Fim de Século. Lisboa

Klein, M. (1955) Sobre a Identificação. Inveja e Gratidão e outros trabalhos. Imago.

Lipovetsky, G. (1989). A Era do Vazio. Relógio d'Água

Rocha, Z. (1999). PARA SITUAR O CONCEITO DE DESAMPARO NO CONTEXTO DA METAPSICOLOGIA FREUDIANA. Síntese. Revista de Filosofia. V 26, Nº 86: 331-346.

Saint-Exupéry, A. (1943) *O Pequeno Príncipe*
Tradução em Português: Vinna Mara Fonseca

Schopenhauer, A. (1788-1860) O Mundo Como Vontade e Representação – Livro IV, Edição ACRÓPOLIS

br.egroups.com/group/acropolis/Symington, J. &

Symington, J. & Symington, N. (1999). O pensamento Clínico de Wilfred Bion. Climepsi, Lisboa.

Winnicott, D. (1963). Medo do Colapso. Explorações psicanalíticas.

Zimmerman, D. (2004). Bion. Da Teoria à Prática. Artmed. Porto Alegre.